

EXCLUSIVO CONJUNTURA

Impulso do turismo para o crescimento da economia está a perder força

Depois do forte contributo dado em 2022 e 2023, a dinâmica do turismo no crescimento da economia deve atenuar-se. Abrandamento na subida de turistas e receitas era esperado, após a rápida recuperação.

Luís Villalobos

14 de Agosto de 2024, 6:00



Turismo tem sustentado o crescimento económico de Portugal RUI GAUDÊNCIO

O turismo deu um enorme empurrão ao crescimento da economia portuguesa nos últimos dois anos, mas esse contributo decresceu no ano passado e tende a descer ainda mais este ano.

Em 2022, ano de recuperação da pandemia de covid-19, o Produto Interno Bruto (PIB) teve uma variação de 6,8%, com o turismo a ser responsável por mais de metade desse crescimento, contribuindo com 4,2 pontos percentuais (p.p.).

No ano passado, de acordo com os dados recentemente publicados pelo INE na Conta Satélite do Turismo, o sector pesou 1,1 p.p. no crescimento de 2,3% do PIB, ou seja, pouco menos de metade do total.

Já este ano, segundo as previsões do gabinete de estudos económicos do BPI, o turismo deverá representar entre 0,5 p.p. e 0,7 p.p. de um crescimento estimado em 1,8%, ou seja, pouco mais de um terço da variação do PIB.

Pelo meio, ficou a marca da importância do turismo para o país, quando em 2020, ano da chegada da pandemia, este sector deu um contributo de 5,5 p.p. para a queda de 8,3% da economia (em 2021, ainda em plena pandemia, variação do PIB foi de +5,7%, pesando o turismo 1,7 p.p.).

Uma desaceleração do crescimento do turismo, diz Pedro Braz Teixeira, economista e director do gabinete de estudos do Fórum para a Competitividade, “pode ter um impacto significativo” na economia portuguesa, “como aparentemente já teve no segundo trimestre”, período em que a variação do PIB em cadeia foi de 0,1%.

Os dados publicados pelo INE relativos ao PIB do segundo trimestre (<https://www.publico.pt/2024/07/30/economia/noticia/exportacoes-travam-economia-abranda-segundo-trimestre-2099246>), por se tratarem de uma estimativa rápida, não incluem ainda os valores registados nas diversas componentes do PIB.

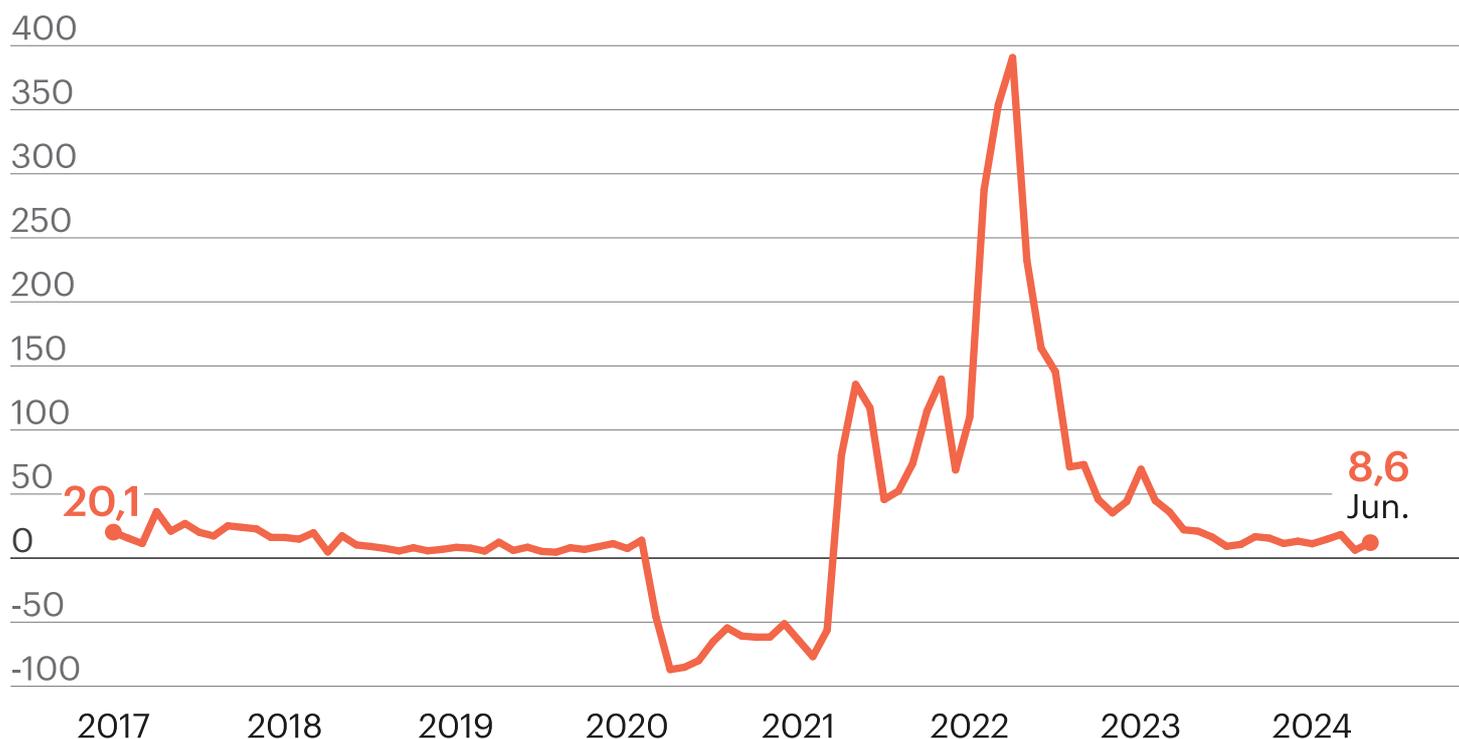
No entanto, o INE revela, ao explicar as forças por trás da variação em cadeia de 0,1% observada no PIB, que o segundo trimestre foi de estagnação nas exportações, que tinham sido o principal motor da economia no primeiro trimestre (<https://www.publico.pt/2024/05/31/economia/noticia/saldo-externo-ajudou-economia-manter-ritmo-arranque-ano-2092429>) e que incluem as receitas geradas pelo turismo, que são contabilizadas como exportações de turismo. “O contributo da procura externa líquida passou a negativo, verificando-se uma variação nula das exportações de bens e serviços”, referiu a nota publicada pelo INE.

A crescer, mas mais devagar

Para já, os dados mais recentes do Banco de Portugal mostram um abrandamento do crescimento das receitas do sector do turismo (medidas pelas exportações) no segundo trimestre, com Abril e Junho a subirem ao ritmo de um dígito, contra os dois dígitos dos outros meses de 2024.

Subida de receitas dá sinais de abrandamento

Exportações mensais de viagens e turismo, taxa de variação homóloga



Fonte: Banco de Portugal

PÚBLICO

Não obstante um novo recorde, em termos nominais – de 11.566 milhões de euros de receitas em viagens e turismo no primeiro semestre, numa conjuntura de subida de preços –, a variação homóloga foi de 11,4%, contra os 29,5% verificados no ano passado (que representou novos máximos históricos para o turismo).

Os números de dormidas e turistas contabilizados pelo INE (que não inclui as unidades de alojamento local com menos de dez camas) também dão nota de um arrefecimento. Em termos semestrais, houve uma subida de 5,6% face ao mesmo período de 2023 (para 14,3 milhões hóspedes), quando em 2023 a variação tinha sido de 21,1% (11,9% se a comparação for com 2019, pré-pandemia). Nas dormidas, a realidade é semelhante.

No mês de Junho, o sector do alojamento registou três milhões de hóspedes e 7,8 milhões de dormidas em Junho, o que equivale a crescimentos de 6,7% e 4,8% (respectivamente), quando no mês anterior as subidas tinham sido de 9,5% e de 7,6%.

A tendência de arrefecimento do crescimento é vista com alguma naturalidade por quem acompanha o sector. “Este abrandamento era expectável na medida em que Portugal foi dos destinos turísticos que primeiro recuperou dos níveis pré-pandemia”, explica Tiago Alexandre Correia, analista do departamento de estudos económicos do BPI.

“Por um lado, há o efeito de base (em 2024 comparamos com o melhor ano de sempre em dormidas, hóspedes e receitas – 2023), e, por outro, o movimento de recuperação mais tardia de outros mercados faz com que estes venham a captar uma parte maior do crescimento da actividade turística global como um todo”, sublinha.

Para Pedro Braz Teixeira, há duas explicações para este abrandamento: “Em termos mais estruturais, o turismo vinha a registar taxas de crescimento muito elevadas, tendo o seu peso subido de 12,6% do PIB em 2016 para 16,5% do PIB em 2023 [medido em termos do consumo do turismo no território económico], pelo que em algum momento teria de haver uma desaceleração deste crescimento, embora não se soubesse bem quando esta poderia ocorrer.”

Depois, “em termos conjunturais, esperava-se que 2024 fosse de crescimento fraco do PIB, abaixo da tendência, na generalidade dos países emissores, o que se tem vindo a confirmar, pelo que também por esta razão o abrandamento era expectável”.

Também Cristina Siza Vieira, vice-presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), vê com normalidade esta tendência de arrefecimento do sector. “Já atingimos em 2023 valores que só esperávamos atingir/recuperar em 2024”, diz, afirmando que, “com a normalização pós-pandemia, é normal que os crescimentos comecem a ser menos acentuados, mas ainda assim os números continuam a crescer, apenas com menos saltos”.

Ana Jacinto, secretária-geral da Associação de Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (Ahresp), enfatiza que “a actividade turística continua a crescer e a superar os máximos históricos de 2023”, ano em que o país registou 30 milhões de hóspedes, segundo o INE (dos quais 18,3 milhões estrangeiros), e encaixou 25,1 mil milhões de euros.

1,1

O sector do turismo pesou 1,1 pontos percentuais no crescimento de 2,3% do PIB em 2023

“Em 2023, que acabou por se tornar no melhor ano turístico de sempre, também no mês de Junho se verificou um abrandamento do crescimento face ao mês de Maio”, nota, “e de maior expressão face ao que estamos a registar no mês de Junho de 2024”.

“Se o ano 2024 mantiver o comportamento semelhante ao verificado em 2023, o mês de Julho irá registar um maior abrandamento do crescimento e só em Agosto se retomará a trajectória de aumento do crescimento”, acrescenta, sublinhando depois que “não quer isto dizer que não tenhamos de estar alertas e atentos, muito pelo contrário”.

Esta responsável realça ainda que o sector do alojamento “está com uma *performance* de crescimento diferente da restauração, que tem enfrentado inúmeras dificuldades com o efeito da inflação, sobretudo alimentar, e com o aumento das taxas de juro”.

Um ano de novos recordes

De acordo com Tiago Alexandre Correia, olhando para o médio prazo, a perspectiva é a de que haja “taxas de crescimento mais moderadas do que as dos últimos anos, em ‘velocidade cruzeiro’”.

Esse ritmo, diz, pode ser potenciado ou restringido por factores como uma recessão na zona euro, preços dos combustíveis, questões cambiais (dólar vs. euro) e o impacto dos conflitos internacionais – menos viagens de longo curso, mas com a hipótese de captação de turistas que deixam de ir para países como Turquia e Egipto por causa do conflito no Médio Oriente.

Para este ano, a previsão do BPI é de que o aumento de hóspedes em Portugal seja da ordem dos 5% face a 2023, ano em que se registou uma subida de 13%. “O efeito *rebound* de recuperação pós-pandemia está esgotado”, refere, já que os níveis pré-pandemia foram ultrapassados.

Pedro Braz Teixeira destaca que, do lado da oferta, “tem continuado e prevê-se que continue a abertura de novos hotéis, pelo que a capacidade de acolher mais turistas deverá ir aumentando, mesmo que haja um recuo parcial no alojamento local”.

O turismo vários desafios pela frente, onde se destaca a falta de trabalhadores. MATILDE FIESCHI

Já do lado da procura, “esta tem aumentado a nível mundial e deve prosseguir essa tendência, pelo que Portugal tem condições de atrair mais clientes, ainda que se possa colocar a questão do preço: será necessário baixá-lo ou subir menos para conquistar nova procura?”, questiona.

Para Ana Jacinto, perante os indicadores já conhecidos, “tudo indica que em 2024, e também nos próximos anos, o turismo continuará a crescer nos seus principais indicadores: hóspedes, dormidas e receitas”. “Portugal, como destino turístico internacional, tem trilhado um percurso sustentado e por isso temos batido recordes”, destaca, acrescentando que Portugal é “um país com uma oferta muito diversificada, que já não se concentra só no produto ‘sol e praia’ e só na tradicional época alta”.

“Não podemos é perder competitividade internacional e manter os padrões de excelência que sempre caracterizaram os serviços na nossa oferta turística”, sublinha. “O desafio é disciplinar e gerir sustentavelmente o crescimento” esperado do sector, refere a vice-presidente da AHP, Cristina Siza Vieira.

Ao nível do Governo, o secretário de Estado do Turismo, Pedro Machado, afirmou em Julho, citado pela Lusa, que em 2033 Portugal poderá arrecadar “mais de 56 mil milhões de euros” em receitas turísticas, “empregar mais de 1,2 milhões de pessoas” e valer

“praticamente 20% do PIB”. No ano passado, segundo o INE, o peso do turismo no total da economia foi de 12,7% (12,1% em 2022).

Obstáculos e desafios

O turismo tem, no entanto, vários desafios pela frente, onde se destaca a falta de trabalhadores. Além disso, segundo os responsáveis ouvidos pelo PÚBLICO, é preciso assegurar questões como a segurança, evitar o risco de saturação (que, segundo Pedro Braz Teixeira, é física e política, onde se inclui a alta de preços) e apostar na sustentabilidade (com Tiago Alexandre Correia a destacar que o sector é responsável “por quase 10% das emissões de gases com efeito de estufa a nível mundial”).

A falta de um novo aeroporto em Lisboa, com o actual já saturado, é visto como um obstáculo ao crescimento de turistas internacionais, sendo também necessário continuar a combater a sazonalidade.

Do lado da Ahresp, Ana Jacinto realça que há ainda fragilidades de tesouraria em muitas empresas da restauração, enquanto Cristina Siza Vieira, da AHP, destaca o desafio colocado pelos “impactos que as alterações climáticas acarretam, nomeadamente, no que toca a Portugal e especificamente ao segmento ‘sol e mar’, pela escolha de destinos com temperaturas mais brandas ou alteração dos períodos de viagem”. **com Sérgio Aníbal**



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- × X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
 - Ficha técnica
 - Autores
 - Contactos
 - Estatuto editorial
 - Livro de estilo
 - Publicidade
 - Ajuda
-

Serviços

Aplicações

Loja

Meteorologia

Imobiliário

Assinaturas

Edição impressa

Jogos

Newsletters exclusivas

Estante P

Opinião

Assinar

Informação legal

Principais fluxos financeiros

Estrutura accionista

Regulamento de Comunicação de Infracções

Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas

Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

EMAIL MARKETING POR



@ 2024 PÚBLICO Comunicação Social SA